R e v i s t a E l e t r ô n i c a C o M t e m p o

ComTempo

HIC ET NUNC: APROXIMAÇÕES ENTRE OS IDEAIS NAZISTAS E AS POLÍTICAS IMIGRATÓRIAS

Eliane de Oliveira[1]

Resumo

Este trabalho analisa algumas semelhanças entre as políticas imigratórias vigentes e ações praticadas durante o regime nazista na Alemanha. Esta aproximação é feita por meio de situações temáticas apresentadas no filme Bem-vindo (Philippe Lioret, França, 2009). Para isso, recorremos principalmente aos estudos de Shohat & Stam que problematizam questões referentes ao cinema, às contribuições de Woodward sobre identidade.

Palavras-chave: Cinema. Bem-vindo. Imigração. Ideais nazistas.

Introdução

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o horror nazista não pode ser escondido ou ignorado e as atrocidades cometidas, principalmente contra judeus, foram expostas e assustaram o mundo. Perante o choque provocado por imagens de uma prática tão brutal acreditava-se que aquilo jamais se repetiria. Porém, os noticiários constantemente nos lembram que os ideais nazistas resistem e em diferentes coordenadas geográficas – há grupos neonazistas na Grécia, nos Estados Unidos, no Brasil. Para além de ser uma ação isolada de grupos radicais, a intolerância frente ao outro, ao diferente tem se mostrado cada vez mais cotidiana, acirrada e pulverizada – tendo como um dos alvos preferenciais os imigrantes. Para nos aproximarmos de uma discussão tão delicada escolhemos o filme Bem-vindo (Philippe Lioret, França, 2009). A película conta a história de Bilal, um jovem de origem curda que está na França, tentando chegar à Inglaterra. A guerra no Iraque, a possibilidade de reencontrar a namorada e ser jogador de futebol no país que inventou o esporte são algumas das motivações que o impulsionaram a fugir de seu país. A partir de situações temáticas apresentadas no filme identificamos semelhanças com algumas práticas nazistas, entretanto, elas não são realizadas por grupos radicais e sim pelo Estado e por cidadãos comuns. Embora o noticiário internacional ratifique não se tratar de ficção cinematográfica, pois existem

[1]Universidade Estadual de Londrina, mestrado em Comunicação, e-mail: eliane1701@gmail.com

projetos para a criação de centros supraterritoriais de detenção de estrangeiros em situação irregular, o uso de exames de DNA para confirmar vínculos nacionais e de parentesco, entre outros exemplos, entendemos o cinema como dispositivo adequado para engendrar tais discussões. Seu aspecto dialético, a atenção exclusiva requerida da espectorialidade, os efeitos de realidade, a proximidade com o sonho... filmes são representações, como apontam Shohat & Stam (2006), mas isso não os impede de terem efeitos reais sobre o mundo. As características estético-discursivas do cinema conseguem não apenas retratar o passado, mas também vislumbrar o futuro. Uma obra cinematográfica traz em si não somente as possibilidades técnicas de sua época, mas também os anseios, conflitos e inseguranças da sociedade que retrata.

As imagens em movimento

As imagens acompanham o homem. Desde a própria sombra às fotos espaciais feitas por telescópios, passando pelos desenhos registrados em paredes de cavernas, elas estão presentes em nossa vida em diversas situações e com distintas finalidades. Sua existência, entretanto, não se restringe ao aparato material. Para Edgar Morin (1970) a imagem mental é estrutura essencial da consciência, função psicológica. Não é possível dissociá-la da presença do mundo no homem, da presença do homem no mundo. É, para ambos, o intermediário recíproco. A imagem mental e a imagem material ampliam ou reduzem potencialmente a realidade que dão a ver; irradiam a fatalidade ou a esperança, o nada ou a transcendência, a amortalidade ou a morte.

Nesta função de intermediar a relação homem-mundo foram criados diferentes suportes para dar materialidade às imagens mentais, cada um com uma maneira específica de captar e reproduzir o mundo. Um deles, porém, segundo Morin, tem não só a capacidade de refletir a realidade, mas de comunicar com o sonho. O cinema constitui-se da síntese das mais diversas manifestações estéticas do homem, como literatura, pintura, música, arquitetura, fotografia, e as utiliza para apresentar ficção e realidade por meio de situações humanas típicas. É um *medium* entre realidade e imaginário, o que significa não apenas comparar e apreender o que já é conhecido, mas também um encontro com o desconhecido, seja diretamente ou por meio de sugestões. O cinema é dialético; o filme tem sua duração específica, mas ele é capaz de conduzir a reflexões que vão além da sala de cinema ou do tempo de duração da película. É sob

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

esta perspectiva que iremos trabalhar, do cinema como meio entre o homem e o mundo, entre sonho e realidade, possibilitante de uma experiência crítica. Desse modo, não apresentaremos uma abordagem histórica, e sim relacional entre homem e suporte, fundamentada nos estudos de Edgar Morin.

Ao comparar os dois inventos legados pelo século XIX, o cinema e o avião, e se referindo ao primeiro Morin (1970) o define não como uma fuga para os aléns aéreos onde só os mortos, os anjos e os deuses habitam, mas num refletir da realidade terra-a-terra, com uma visão objetiva que captava a vida para reproduzi-la. Para ele, o diferencial que propiciou sucesso ao invento dos irmãos Lumière foi apresentar como especial o que é visto como comum ou até mesmo não percebido:

> (...) Lumière teve a intuição genial de filmar e projetar como espetáculo o que não é espetáculo: a vida prosaica, os transeuntes a ocuparem-se dos seus assuntos. (...) Percebera ele que a primeira curiosidade iria incidir num reflexo da realidade. Que, antes de mais nada, as pessoas iriam maravilhar-se ao voltarem a ver tudo aquilo que as não maravilha: as suas casas, as suas caras, o ambiente de sua vida familiar (...) não era pelo real, mas pela imagem do real (MORIN, 1970, p. 20 e 21)

Assim, o cinema nascia com o poder de apresentar o comum, rotineiro e cotidiano como espetacular. Da mesma forma que ele comunicava com o real ele isolava o homem desse mundo real, e todo o ambiente era preparado para isso: a sala escura, a poltrona confortável, a imagem projetada na tela surgida sem se saber de onde, a música envolvente. O tempo do cinema transfigurava-se num tempo específico, de dedicação exclusiva. A fotografia pode ser carregada e observada a qualquer instante, o rádio pode ser ouvido entre outras atividades, o cinema não. Ele exige um tempo próprio, único, a atenção a ele dedicada não é compartilhada. Se o tempo do cinema é próprio, o tempo no cinema também é. Se, inicialmente, era o movimento real de pessoas e objetos, captados também no tempo real que era projetado, se cenas que duraram cinco segundos eram, igualmente, projetadas em cinco segundos, se cinema e vida real tinham uma mesma duração, o advento da montagem deu ao cinema algo impossível para a vida real – o poder de controlar o tempo.

> (...) a montagem une e ordena, num continum, a sucessão descontínua e heterogênea dos planos. Será esse ritmo que, a partir de séries temporais divididas em pequeníssimas parcelas, irá reconstituir um novo tempo, um tempo fluido. (...) Tempo fluido que está submetido a estranhas compressões e alongamentos. Tempo dotado de várias

FACULDADE CÁSPER LÍBERO Av. Paulista, 900 – 5º andar CEP 01310-940 – São Paulo - SP Fax: (011) 3170-5891 Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883 http://www.facasper.com.br E-mail: faculdade@fcl.com.br

> velocidades e, eventualmente, de marcha atrás. Os filmes dilatam ou demoram momentos intensos que atravessam, como raios, a vida real (MORIN, 1970, p. 73)

Ainda segundo Morin (1970), além desse domínio do tempo, ou graças a ele, o cinema comunica com o imaginário e responde a necessidades subjetivas: necessidade de fugirmos de nós próprios, de esquecer os nossos limites, ele dá a possibilidade de realização do que nunca realizaremos, transforma em realidade sonhos e desejos, todavia, é uma fuga que proporciona reencontros. Para ele, ao mesmo tempo em que o filme representa, significa, e coloca em um mesmo nível mental o real e o irreal, o vivido, a recordação e o sonho. Como espelho antropológico o cinema reflete as realidades práticas e imaginárias, ou seja, as carências, as comunicações e os problemas da individualidade humana. A partir de determinadas situações temáticas apresentadas pela obra, torna-se também espaço de reflexão e de ação. A partir de um filme é possível conhecer, situações, realidades, estruturas e processo predominantes em determinada sociedade. O cinema, por sua capacidade de manipulação do tempo, de reconstituição de realidades por meio da arquitetura, figurino, som e imaginário, possibilita não apenas a reprodução do passado e do presente, mas também dialoga com o futuro. O cinema comporta, assim, ficção e realidade, e é cada vez mais tênue a linha que as distingue.

A questão identitária

Woodward (2000) argumenta que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Mais que isso, para ela as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são apresentadas.

Para Hall (2001) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma quantidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. A identidade não é definida no nascimento como se acreditava e sim um processo contínuo, uma disputa dinâmica entre uma identidade simbólica que é atribuída pelas representações e uma social que é construída pelas vivências do individuo. Embora as representações não encerrem o processo de construção identitária elas fornecem aspectos tanto de projeção quanto de identificação,

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

são um modo de se situar no caos e no excesso de informações e possibilidades que a atualidade oferece.

Woodward (2000) afirma que as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, explica, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Elias (1985) lembra que [...] o reforço do sentimento nacional na época do Kaiser fez-se acompanhar de um notório crescimento do anti-semitismo. A imagem ainda não estabilizada e, por isso mesmo, muito exagerada do valor da própria nação e, também, do próprio indivíduo, encontrou a sua formação numa contra-imagem, na imagem do grupo minoritário mais visível do império do Kaiser, os Judeus, cuja perversidade e inferioridade ilimitadas deveriam sobressair, por contraste, à grandeza e o valor superior dos Alemães. (ELIAS, 1985 p.39).

Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro. Para Bystrina (1995) este tipo de estrutura binária é claramente assimétrica. O polo marcado ou sinalizado negativamente é percebido ou sentido muito mais fortemente do que o polo positivo. As estruturas binárias são classificatórias e hierarquizantes. A construção dos discursos reforça e fundamenta esta estrutura como se ela fosse natural.

A dependência de um oposto para a constituição de uma identidade aponta para relações ambivalentes. Woodward (2000) afirma que fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger, de modo arbitrário, uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar é atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (WOODWARD, 2000: 83). Esta norma simbólica é construída por vários aspectos e posta em circulação em diferentes âmbitos:

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

econômicos, políticos, culturais, e reforçada sobremaneira pelos meios de comunicação de massa.

O filme

Bem-vindo (Philippe Lioret, França 2009) conta a história de Bilal, um jovem iraquiano de origem curda que está em Calais, na França, tentando chegar à Inglaterra para encontrar sua namorada, que está prestes a se casar com outra pessoa, um casamento arranjado pela família. Desde a saída do Iraque foram três meses viajando escondido em trens e caminhões, porém a travessia do Canal da Mancha será mais difícil. Além da intensa fiscalização policial, que tenta impedir imigrantes de atravessar para a Inglaterra escondidos em caminhões, ele tem que superar os traumas causados por agressões cometidas pelo exército turco. Após uma tentativa frustrada, na qual todos os clandestinos são descobertos porque Bilal não consegue respirar com a cabeça dentro de um saco, o jovem resolve fazer a travessia nadando. É neste ponto que sua história se cruza com a de Simon, um solitário professor de natação, frustrado com o processo de divórcio. Sensibilizado com a luta do jovem para fazer a travessia, Simon decide treiná-lo, inicial e aparentemente para impressionar a ex-mulher, Marion, uma professora que participa de ações para auxiliar os imigrantes, entre as quais a distribuição de sopa no cais do porto.

Já nas primeiras aulas Bilal demonstra não apenas habilidade, mas um grande empenho. Tanta dedicação desperta curiosidade em Simon, que se surpreende ao saber que todo esforço é para o adolescente reencontrar a namorada. Mina, irmã de um amigo de futebol, emigrou para a Inglaterra com a família, e foi prometida em casamento pelo pai a um primo que ela não conhece, mas que já está na Inglaterra há algum tempo e é gerente de uma rede de restaurantes.

Em uma noite, Simon encontra Marion, casualmente, em um supermercado. Na saída, dois jovens imigrantes são impedidos de entrar. A alegação do segurança é que eles perturbam os clientes. Indignada com a situação, Marion interpela alguns clientes, mas é contida pelo gerente do estabelecimento, e se irrita ainda mais com a passividade de Simon.

No caminho para casa ele encontra os garotos e os leva para seu apartamento. Entre pizza e cerveja, eles conversam e Simon vai se familiarizando com as histórias de

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Bilal, que além de reencontrar Mina, sonha em ser jogador de futebol no *Manchester United*. No meio da noite, Simon encontra Bilal no banheiro com um saco na cabeça, irritado e surpreso não entende a situação, porém, o jovem explica que a polícia utiliza detectores de gás carbônico para descobrir clandestinos escondidos nos caminhões. É preciso conseguir respirar com a cabeça dentro do saco para não ser descoberto.

Na sequência, Simon tem que ir à delegacia dar explicações à polícia. Sua carona aos jovens curdos não passou despercebida. Por lei os habitantes de Calais são proibidos de auxiliar imigrantes. Assustada com a situação, Marion tenta alertá-lo que um voluntário foi preso por abrigar refugiados. Simon parece não se importar com o quê possa lhe acontecer. Após a audiência de separação confessa a ex-mulher que pretende treinar Bilal de maneira mais intensa, e demonstra admiração pela coragem do jovem e por seus motivos.

Porém, ajudar imigrantes não é uma tarefa fácil. A vigilância é constante e parece estar em todo lugar. O cais do Porto, local utilizado pelos voluntários para a distribuição de sopa aos refugiados, é conhecido da polícia, que em uma 'visita' prende algumas pessoas. Assustados, os que não foram presos se refugiam em uma floresta próxima. É lá que Simon reencontra Bilal e outra vez o leva para sua casa. Preocupado, Simon questiona por que ele não fica na França e aproveita a possibilidade de se tornar um nadador, um bom nadador como o próprio Simon fora na juventude. Ele chegou a ser campeão francês. E, é a falta dessa medalha que origina uma discussão. Simon acusa Bilal. No desentendimento eles saem do apartamento, um vizinho se incomoda e discute com Simon.

Em virtude dessa confusão, a polícia vai ao apartamento para fazer uma revista sob a acusação de que ele abriga clandestinos. Sem encontrar nada, os policiais vão embora, porém, fazem uma advertência – irão voltar. Antes de fechar a porta, após a saída dos policiais, ele olha para o apartamento do vizinho que, provavelmente, fez a denúncia. Ironicamente, os dizeres do tapete da porta do vizinho dão nome ao filme.

Ao entrar no banheiro e perceber a ausência da roupa de natação Simon vai à praia. Sem encontrar Bilal pede ajuda à guarda-costeira. Na identificação do desaparecido dá seu sobrenome a ele na esperança de que isso ajude. Contudo, em uma conversa com Marion é alertado de que as buscas por um imigrante ilegal não receberão muito empenho.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Já na delegacia, é informado de que, após cinco horas, Bilal foi encontrado por um pescador, que teve de retirá-lo do mar à força. É informado, também, que está sob custódia judicial, que será acusado de ajudar pessoas em situação ilegal, e está impedido de deixar a região. Ao ir novamente ao porto, encontra Bilal na fila da sopa, porém, é aconselhado pelos voluntários a deixar o local para não prejudicá-los. Em outro chamado à delegacia Simon recebe sua medalha e a notícia de que Bilal foi encontrado pela marinha a 800 metros da costa inglesa.

A opção pela sutileza

Embora não seja parte central da narrativa, em algumas cenas o diretor Philippe Lioret faz uma sutil menção a algumas semelhanças entre a atual política imigratória e ações praticadas pelos nazistas. Uma delas refere-se à proibição da entrada dos imigrantes em um supermercado. Simon e Marion estão saindo da loja quando veem o segurança do estabelecimento discutindo com dois jovens que pedem para entrar. Incomodada com a situação, Marion questiona o segurança sobre a proibição e é informada de que a presença dos imigrantes incomoda os clientes. Marion, então, aborda alguns clientes perguntando se eles se incomodam com o fato de os imigrantes fazerem suas compras. O gerente do estabelecimento chega para defender o funcionário, Simon tenta acalmar Marion e por fim eles saem da loja. Enquanto caminham em direção ao carro eles ainda discutem sobre o que ocorreu na loja. Em uma de suas falas ela Marion faz a conexão entre passado e presente: “Sabe o que significa, quando começam a impedir as pessoas de entrar numa loja. Quer que eu te compre um livro de história?”

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Figura 1- Imigrantes são impedidos de entrar em um supermercado

A outra referência acontece em dois momentos distintos e requer um pouco mais da atenção do espectador. Assim que Bilal e os outros imigrantes são flagrados pela polícia escondidos em um caminhão são levados para um local cuja identificação não é mostrada, mas pode ser inferida como um centro de detenção de imigrantes. Lá, são cadastrados e recebem um número de registro que não é anotado em sua documentação, o passaporte, por exemplo, e sim em seu corpo. O número de identificação é escrito na parte superior da mão. Várias cenas depois, em uma das aulas de natação, Bilal é questionado por Simon a respeito daquela anotação. Ou seja, não é fácil se livrar daquela inscrição. Mais que isso, se as características físicas não forem suficientes para denunciar que aquele sujeito não é um cidadão francês, a inscrição de uma sequência numérica em uma parte visível do corpo pode cumprir esta função.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

Figura 2- Identificação com tinta indelével

A última cena que selecionamos para esta discussão é protagonizada por um vizinho de Simon. Após um desentendimento entre Simon e Bilal, o jovem sai do apartamento do professor, Simon vai atrás para buscá-lo e cruza com o vizinho no corredor. Incomodado com o barulho e, principalmente, com a presença do imigrante, o vizinho de cabeça raspada e roupa semelhante à militar esbraveja: “eles são sujos e têm doenças”.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho buscamos demonstrar as estratégias utilizadas no filme “Bem-vindo” para evidenciar as aproximações entre as políticas imigratórias atuais e algumas práticas utilizadas pelos nazistas, principalmente contra a população de origem judia. Em função do espaço limitado, optamos por fazê-lo pressupondo o conhecimento do leitor sobre tais práticas e dando ênfase às discussões suscitadas pelo filme. Embora inicialmente possa parecer exagero fazer este tipo de relação, um olhar mais apurado denuncia tais semelhanças. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha passou por uma grande crise econômica, os índices de desemprego aumentaram e os judeus foram responsabilizados por uma série de dificuldades que a população enfrentava. Atualmente, esta responsabilização recai na figura do imigrante: ele é acusado de causar desemprego, de sobrecarregar as demandas por serviços de saúde e assistência social, de ser uma ameaça à identidade nacional e à estabilidade da nação. Sua humanidade é

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

negada a todo momento em que ele é referenciado como um número, como uma estatística a ser atingida dentre as metas de extradição.

Por fim, recorremos às palavras de Elias (1985) quando ele afirma que por vezes é útil, para compreender melhor as questões da atualidade, afastarmo-nos delas em pensamento para depois, lentamente, a elas regressarmos. Assim, podemos compreendê-las melhor.

Referências

BYSTRINA, I. **Tópicos da Semiótica da Cultura**. (Pré Print). São Paulo: CISC-PUC São Paulo, 1995.

ELIAS, Norbert. **A condição humana**. Difel: Lisboa, 1985.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Trad. António Pedro Vasconcelos. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

WELCOME. Diretor: Philippe Lioret. França: Imovision, 2009. DVD (125 min), color, língua original: francês.

<http://www.welcomemovie.com.au> vários acessos.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
Av. Paulista, 900 – 5º andar
CEP 01310-940 – São Paulo - SP
Fax: (011) 3170-5891
Tel.: (011) **3170**-5880/3170-5881/3170-5883
http://www.facasper.com.br
E-mail: faculdade@fcl.com.br